



APRENDER A DIZER **NÃO**

«O “**não**” é essencial para a organização e para o desenvolvimento psíquico da criança», diz a psicóloga, explicando (baseada na teoria do psicanalista René Spitz) que existem três organizadores essenciais e iniciais da vida psíquica:

- «O **primeiro** dá-se no segundo mês de vida, quando o bebé sorri para o rosto humano indiscriminadamente, porque começa a ter uma leve noção de que existem outras pessoas para além dele;
- o **segundo** ocorre por volta do oitavo mês, quando surge a angústia ao estranho, isto é, o bebé já consegue discriminar quem conhece e quem não conhece;
- o **terceiro** organizador coincide com a altura em que a criança começa a andar (entre os 12 e os 15 meses), a ganhar mais autonomia e a explorar o meio que a rodeia, deparando-se com as primeiras negações por parte dos pais.» O terceiro organizador do desenvolvimento psíquico da criança está, pois, relacionado com o primeiro contacto desta com o interdito.

Porém, «inicialmente, a negação deve ser acompanhada por um comportamento – retirar a criança do local onde se encontra, um objecto em que não é suposto mexer – para que, progressivamente, a criança tenha a noção do “**não**” e a treine», aconselha Júlia Murta.

«É grave quando os pais não conseguem frustrar os filhos, querendo dar-lhes tudo, independentemente de ser material ou não, mesmo que não se adapte às suas necessidades. Além de ser uma constante na vida futura, a frustração está intimamente ligada à capacidade de renunciar: «Todas as pessoas são obrigadas a lidar com a frustração e é com este sentimento que surge também a capacidade de espera. «É, também fundamental que aliado ao “**não**” se dê um sentido. Ou seja, os pais devem explicar aos filhos a razão por que os estão a contrariar, pois, ajuda a assimilar o conceito.



O “**Não**” funciona como um organizador social

É nos primeiros anos de vida que as crianças assimilam um conceito muito precioso para os restantes níveis da sua organização psíquica. Afinal o “**não**” também funciona como um organizador social. A importância deste na socialização da criança é importante para a vida futura em sociedade.

Ora, as **crianças que não adquiram este conceito, com os pais, podem ter dificuldade em lidar com as regras impostas pela sociedade e pelas autoridades, basta pensar que a organização social assenta no que se deve e pode, ou não, fazer.**

CONTACTOS

Avenida Carlos Andrade, S/N, 1º andar

2660-243 Sto. António dos Cavaleiros

Telefone: 219897840 / 219897843

Email: usf.magnolia@csloures.min-saude.pt



AS BIRRRAS!!



Alguns pais não têm a coragem suficiente para contrariar os seus filhos.

E, sem se aperceberem, mimam-nos demasiado



AS BIRRAS

As crianças que «sofrem» de excesso de mimos acabam por aprender a usar certas manhas quando são contrariadas. A birra costuma ser uma resposta imediata à renúncia e culmina quando os pais satisfazem as vontades das crianças. Contudo, «antes de se ceder, deve-se tentar perceber se a criança faz birra porque tem dificuldade em lidar com o “não”, ou se é por outro motivo».

Piores são as birras nos locais públicos!

«Os pais devem perguntar à criança a razão pela qual chora. Se não obtiverem uma resposta concreta (muitas vezes respondem “porque eu quero”, devem deixá-la chorar sem que chegue a um estado de desespero, como se estivesse entregue a ela própria. A birra vai desvanecendo, apenas é necessário ter paciência, persistência, e não parar de falar com a criança, dando um sentido à recusa», afirma a psicóloga. Os pais também podem não se aperceber que estão a “estragar” o seu filho com mimos, sendo geralmente os familiares, os amigos ou os professores a detetar algo de errado no comportamento da criança.



APRENDER A SER CONTRARIADO

A Joana (nome fictício) começou a ficar cada vez mais exigente com a sua mãe, recentemente divorciada. A situação agravou-se e a mãe desta criança de 7 anos resolveu levá-la ao psicólogo pois não conseguia lidar com as exigências da filha. Depois de algumas sessões, com mãe e filha, separadas e em conjunto, o problema foi detetado. A Joana não conseguia perceber que a mãe já não podia dar-lhe determinados bens materiais e exigia-os. Por sua vez, a mãe admitiu que sempre teve medo de a perder para o pai, que tinha mais poder económico. Mas, a partir de uma determinada altura, já não tinha capacidade para responder às exigências da Joana, sobejamente habituada a ter tudo o que pedia. A escassa presença do «não» na vida de uma criança pode ter consequências desagradáveis, quer na infância, quer na vida adulta. É urgente ensinar a renunciar e aprender a ser contrariado.

«Estar disponível para a criança e dar resposta às suas necessidades é normal. Contudo, os pais devem fazer a sua própria interpretação do que é dar mimos e pensar na presença do “não”, afirma a Dra. Júlia Murta, psicóloga e monitora do Projecto RODA - Projecto de Recreação e Acompanhamento de Crianças em Tempos Livres.

«Por vezes, a forma como se mima uma criança é preocupante. Os pais podem dar muitos mimos e carícias aos seus filhos, mas não invalida que os contrariem», acrescenta.

Dizer “não” acaba por ser um ato de coragem, afinal, é difícil ver os próprios filhos tristes. Por outro lado, se, por algum motivo, os pais excessivamente prestáveis ficam, indisponíveis, as crianças habituadas a ter tudo de imediato reivindicam.

Que razões levam alguns pais a satisfazer todos os caprichos e vontades dos filhos? São muitas e variadas: «Podem estar inseguros com a sua própria capacidade de função paternal. Muitos julgam que não são capazes de fazer os filhos felizes, outros pensam que não conseguem dar aquilo que os filhos necessitam. Alguns sentem-se culpados por não terem disponibilidade ou paciência e, assim, tentam compensar a criança, nunca dizendo “não” e/ou oferecendo bens materiais desnecessários.

“Também podem ter uma certa incapacidade em conseguir contrariar. Podem ainda, sentir dificuldade em lidar com a frustração da criança”, sustenta a psicóloga.

Relativamente às crianças, “podem ser filhos de pais separados, podem ter irmãos ou ser filhos únicos, podem ser os mais novos ou os mais velhos”.

“Não têm propriamente um perfil, mas do ponto de vista emocional são muito dependentes dos pais”, comenta Júlia Murta, salientando que “as consequências provocadas, pelo excesso de mimos derivam, sobretudo, dos modelos de comunicação que os pais dão à criança, até porque é impossível esta mimar-se a si própria”.

